



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM COMO CIÊNCIA EM SUAS RELAÇÕES COM O JORNALISMO

Darlete Cardoso

**Resumo:** O jornalismo tem, por essência, íntima relação com as ciências da linguagem, porque é por meio dela que escreve e descreve o mundo, transmitindo informação e cultura, ainda que se questione o seu conteúdo. Com o presente artigo, pretende-se, simplesmente, considerar sobre essa relação, passando, antes, pela análise da linguagem como ciência; pelo valor informativo da palavra, com suas instabilidades, sublimações e implicações na expressão do pensamento social; e pela fixação do saber escrito, que teve, na invenção da imprensa de Gutenberg, o seu desenvolvimento como cultura de massa e a possibilidade de uma transformação social mais ampla.

**Abstract:** The journalism has, as essence, inner relationship with the language sciences, because by language it describes the world, transmitting information and culture, despite it discusses the contents themselves. With this article I simply intend to consider this relationship, first spending by analysis of the language as a science; by the informative force of the words, including their instabilities, sublimations and implications in the social thoughts; and, by standardization of the writing knowledge which has in the Gutenberg's press invention its development as a mass culture and its possibility as a wider social transformation.

**Palavras-chave:** Linguagem, Pensamento, Ciência, Palavra, Jornalismo.

### 1 INTRODUÇÃO

Expressar o pensamento através da linguagem é o grande desafio do homem desde o início dos tempos. Aristóteles teorizava que "os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma" (apud Auroux, 1998, p. 97). Assim, o homem tem procurado estudar globalmente o fenômeno da linguagem e de sua evolução, fixando-a como ciência e buscando, na história, remontar e explicar essa capacidade de tecer e tramar a comunicação humana por meio da fala, da escrita e de todas as outras formas de linguagem, que permitem a interação social.

Neste caminhar, a comunicação está total e definitivamente ligada ao processo de promover as relações sociais, produzindo e reproduzindo as idéias com toda a sua carga de contradições e harmonias, suas realizações materiais, espirituais e culturais.

Assim é que o ser humano procura, ao longo de sua existência, criar e recriar meios de comunicação, suportes do conhecimento que, além de possibilitar a transmissão do pensamento, estabelecem a condição humana. Não se pode deixar de fazer um paralelo com o jornalismo, um dos meios desenvolvidos pelo homem para a veiculação de informações e idéias, e situá-lo como instituição social, já que não se pode mais pensar ou tentar compreender o mundo sem a imprensa.

O jornalismo retrata e manifesta o pensamento social em qualquer parte do planeta, seja nas ciências, nas artes, na natureza ou nas diversas áreas do conhecimento, através de um conjunto de técnicas, ética e esteticamente formuladas.

A exteriorização do pensamento é efetuada através da palavra, componente essencial, tanto no jornalismo como na publicidade ou em qualquer outro meio de comunicação, para constituir as relações, os processos e as atividades da vida cotidiana, assim como transmitir, movimentar e tensionar as épocas e os ciclos da história em suas formas produtoras de cultura e do desenvolvimento de uma civilização letrada.

Vygotsky pondera que

a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém entre a palavra e o pensamento: nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência... O pensamento e a palavra não são talhados no mesmo modelo: em certo sentido há mais diferenças do que semelhanças entre eles. A estrutura da linguagem não se limita a refletir como num espelho a estrutura do pensamento; é por isso que não se pode vestir o pensamento com palavras, como se de um ornamento se tratasse. O pensamento sofre muitas alterações ao transformar-se em fala. Não se limita a encontrar expressão na fala; encontra nela a sua realidade e a sua forma (Vygotsky apud Ianni, 1999, p. 40).

Essa ponderação da relação entre pensamento e linguagem não se põe em dúvida. Pode-se, apenas, reforçar que, através do sistema lingüístico, o homem exerce e exercita a teia das relações sociais, transmitindo cultura e ideologia, para o bem ou para o mal. Eis, então, o grande desafio do homem: continuar a desenvolver a capacidade de expressão do seu pensamento e usar o dom da palavra para a comunicação significativa.

Bakhtin esclarece que, se perdermos de vista a significação da palavra, perde-se a própria palavra, que fica reduzida à sua realidade física: "o que faz da palavra uma palavra é sua significação" (1997, p. 49). Para ele, a atividade psíquica só existe na sua significação. A linguagem permite ao homem a objetivação do pensamento, graças à representação, ainda que não dê conta de exteriorizar, em sua plenitude e completude, o pensamento interior.

Na obra "As Cidades Invisíveis", Calvino fala deste drama, ao descrever a dificuldade de se perceber o que chama de cidade real, no emaranhado da exteriorização lingüística da cidade do discurso. Diz ele que, nesta angústia,

(...) sente-se o desejo de descobrir o que é, mas tudo o que se disse sobre Aglaura até agora aprisiona as palavras. Por isso, os habitantes sempre imaginam habitar numa Aglaura que só cresce em função do nome Aglaura e não se dão conta da Aglaura que cresce sobre o solo. E mesmo para mim, que gostaria de conservar as duas cidades distintas na mente, não resta alternativa senão falar de uma delas, porque a lembrança da outra, na ausência de palavras para fixá-la, perdeu-se (Calvino, 1999, p. 66).

Esse contexto remete novamente ao jornalismo que, no seu discurso, deve exprimir a "cidade" real, fixar os fatos cotidianos. E fatos jornalísticos são os acontecimentos, as ações reais ocorridas no seio da sociedade e para ela transmitidas. O desenvolvimento do jornalismo, enquanto relato de fatos correntes, alimenta os processos de difusão de informações, alargando os horizontes do pensar social, ainda que esses processos sejam fragmentados, pois o espaço, o tempo, as ideologias limitam e subordinam a imprensa a fazer uma escolha arbitrária e subjetiva, a um "enquadramento" do real, conforme denomina Mouillaud (1997, p. 43), que determina o que deve ser visto. Mas este é um outro assunto, que não cabe, neste artigo, aprofundar.

Em O Problema Fundamental do Conhecimento, Pontes de Miranda afirma que os pensamentos são decomponíveis e os elementos em que eles se decompõem são as significações. Para ele, as significações estão para os pensamentos, como as palavras para as proposições. A palavra, por sua vez, é o símbolo da significação, ainda que sentidos diferentes possam ser dados para a mesma palavra, dependendo de quem fala e em que situação é dita. "As proposições exprimem os pensamentos, de modo que a proposição é verdadeira, falsa, ou sem sentido, porque o é o pensamento" (Miranda, 1999, p. 278).

O pensamento é o diálogo interior que a alma sustenta com ela mesma", escreve Auroux (1998, p. 34). Já o discurso, segundo o autor, é o pensamento exteriorizado sob a forma de fluxo verbal. Filósofos e estudiosos da linguagem concordam, até o final do século XIX, em definir a língua como expressão do pensamento. "Graças à linguagem, o pensamento se oferece assim em espetáculo, para si mesmo e para outrem", argumenta Ducrot. E complementa: "todo pensamento consiste numa associação de juízos (1968, p. 27).

## 2 A LINGUAGEM COMO CIÊNCIA E A IMPRENSA

O fato é que o homem não apenas desenvolveu a linguagem, como também criou meios de representá-la, através de sinais e símbolos. A descoberta da escrita contribuiu de forma fundamental para a comunicação e para o desenvolvimento da linguagem como ciência. Até porque, segundo Auroux, a história mostra que "nas civilizações em que houve aparecimento de um saber lingüístico, este nasceu indubitavelmente depois de a escrita ter sido uma técnica bem dominada" (1998, p. 76).

Outra contribuição importante para as ciências da linguagem foi a invenção da imprensa, com a descoberta de Gutenberg, por volta de 1450, que fixou a palavra impressa. A partir daí, o saber lingüístico deixou de ser exclusivo da minoria composta pelo clero e pela nobreza, para abrir as portas do mundo, ainda que hoje o saber lingüístico e tantos outros saberes sejam utilizados ideologicamente para manutenção do status quo. O desenvolvimento da imprensa de tipos móveis ofereceu um decisivo suporte à transmissão de idéias, promovendo um forte impacto no mundo do conhecimento e provocando uma revolução nas maneiras de aprender, de pensar, de perceber e de construir o mundo.

S. H. Steinberg, que faz a cobertura do primeiro século da imprensa, diz que

nem os eventos políticos, constitucionais, eclesiásticos e econômicos, nem os movimentos sociológicos, filosóficos ou literários podem ser plenamente compreendidos, sem tomarmos em consideração a influência que o advento do prelo teve sobre eles (apud Eisenstein, 1998, p. 19).

Assim, o saber jornalístico é um saber escrito, e mais que isso, é um saber lingüístico, efetuado através da instabilidade e da incerteza da palavra, que em discurso torna-se reino de opiniões explícitas ou subjacentes e que marca a explosão da indústria cultural.

Ianni argumenta que

os desenvolvimentos das literaturas nacionais e transculturais, o nascimento e a expansão da cultura de massa e da indústria cultural, a criação e a difusão de tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas, tudo isso tem propiciado o surgimento de disciplinas e teorias, tanto quanto de hipóteses e controvérsias, sobre os mais diversos aspectos da linguagem. São muitos os momentos da história dos tempos modernos envolvendo desafios ou conquistas fundamentais sobre as implicações da linguagem na organização, dinâmica, crise ou transformação da sociedade, em âmbito nacional, internacional ou mundial (1999, p. 11).

A linguagem é um todo vivo e em movimento e tem implicações na sociedade porque é um todo de relações sociais, e só existe como processo de transformação social, no âmbito da comunicação humana. E complementa Scliar Cabral: "A faculdade da linguagem desenvolveu-se no processo de humanização que durou mais de um milhão de anos e significa a mais importante conquista como instrumento de luta pela sobrevivência da vida em sociedade" (1982, p. 230).

Para Bakhtin, a palavra serve como indicador de mudanças e é capaz de registrar as fases mais transitórias e efêmeras das mudanças sociais, bem como as mais profundas.

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar (Bakhtin, 1997, p. 108).

Nesse processo de constante evolução da linguagem, Ianni afirma que as preocupações com a linguagem, no curso do século XX, acentuam-se e generalizam-se, envolvendo novos problemas e recolocando novos termos que ele chama de "giro lingüístico".

Em uma fórmula mais ou menos sacramentada, esse é o século em que se dá o 'giro lingüístico', tal a importância e a influência dos problemas de linguagem, com os quais se defrontam a filosofia, a literatura, as ciências sociais, e por que não o jornalismo (1999, p. 12) (acréscimo meu em itálico).

Evidentemente, o discurso midiático como um todo desempenha um papel influenciador nesse giro lingüístico

descrito por Ianni. Na sua prática comunicativa, a mídia procura adequar o uso da linguagem, simplificando as falas da sociedade, tanto no jornalismo como na publicidade, que, pela sua natureza, apresentam linguagens diferenciadas. No caso do jornalismo impresso, por exemplo, o uso da língua eleva-se à linguagem formal, ainda que a simplicidade e a objetividade sejam características preponderantes. Já no caso da televisão, a simplificação da fala acontece em nível coloquial, pela sua penetração como veículo de massa. Na linguagem do rádio, por sua vez, essa simplificação é ainda maior, descendo, muitas vezes, ao popular para aproximar-se do público, que, no Brasil, lê, escreve e fala mal a sua língua materna. Raquel de Queiróz, em um artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo, já em 1988, fez uma crítica contundente ao que chamou de "abuso" da linguagem radiofônica. A autora lamentou que se tenha feito tão por baixo o nivelamento do falar nacional no rádio. Diz ela que "não é preciso falar como os analfabetos para que os analfabetos nos entendam". E complementa que, pelo uso do padrão oficial, mesmo que de modo singelo, os analfabetos "talvez possam até aprender um pouco".

É da natureza do jornalismo, ou das mídias em geral, pela própria produção acelerada e em escala industrial da informação, o emprego de regras de estruturação em menor escala e economia de palavras, ou seja, a padronização do texto, escrito ou falado. Isso implica que a sociedade acaba tomando essa estrutura no seu falar e escrever.

Cabe reconhecer, como fundamento da origem e destino da língua, que ela começa por ser e desenvolver-se como espírito objetivado, como produto e condição da práxis social, como realização da criatividade de indivíduos e coletividades. Assim como as outras formas culturais, tais como religião, arte, filosofia e ciência, a língua expressa, sintetiza, decanta, constitui e desenvolve as mais diversas realizações materiais e espirituais, sem as quais a sociedade não se constitui, enquanto formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, no âmbito de configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura (Ianni, 1999, p. 14).

Na esteira da globalização produzida pelo capitalismo, pode-se estabelecer uma dicotomia entre linguagem e sociedade. E nesse contexto está a mídia, que parece ser a fonte de informação mais consumida, por ser de mais fácil acesso em função da produção em escala industrial e da importância que a imagem adquire neste século, tornando-se o principal suporte do conhecimento e expressão social. Assim, um fato que dificilmente se pode contestar é que o discurso mais presente atualmente, a que todo homem, em maior ou menor proporção, acaba tendo acesso, é o discurso dos meios de comunicação, ou o discurso midiático. Estabeleceu-se que se vive a "era da comunicação e da informação", tal a velocidade que os novos meios impõem. E, à primeira vista, parece que o estudo da linguagem não leva mais à compreensão do homem no mundo, mas de como se pode utilizar a linguagem para comunicar melhor sob o signo do capitalismo globalizado.

O debate sobre a linguagem, muitas vezes, parece estar no nível institucional e subjugar-se a uma visão: a do capitalismo. A instituição ou a organização, seja ela política, social, empresarial, que otimizar a linguagem e suas possibilidades - como forma de sedução ou de persuasão - ou utilizar o melhor meio - os suportes midiáticos -, terá sucesso na competição mercadológica e ideológica.

Strinati complementa.

A influência crescente da cultura popular veiculada pelos meios de comunicação de massa modernos assume maior importância sobre a vida das pessoas nas sociedades capitalistas ocidentais (1999, p. 13).

A par das transformações sociais que ocorrem ao longo do tempo, também a linguagem compreende um processo de transformações por estar na teia das relações sociais, que a recoloca em desafios, permanentes e contínuos, de reflexão sobre as condições, as possibilidades e as implicações de criação e recriação dos signos e de seus significados, significantes e decodificações. A linguagem é, pois, a mediadora da expressão, do movimento e da transformação cultural e social dos povos, assim como o jornalismo exerce o papel de mediador credenciado das relações sociais.

O universo da palavra

Para Calvino "não existe linguagem sem engano", confirmando-se que a palavra é um universo em constante movimento, vive de situações extremas, construindo e desconstruindo, criando e recriando, instável e inquieta, mas também narcotizadora.

O mistério da palavra, assim como da narrativa, esconde-se tanto no autor como no leitor, da mesma forma que no texto e no contexto. Permitem muitos jogos de linguagem, podem ser colocadas em diferentes arranjos, desdobram-se em signos, ou ícones, índices e símbolos, como em um caleidoscópio sem fim (Ianni, 1999, p. 17).

A palavra é mistério, mas também revelação. Ainda que por vezes se revele vazia, pode ser plena de sentidos, dependendo, para isso, da forma com que é dita ou escrita, lida ou ouvida. A palavra é linguagem carregada de experiências e significados. No dizer de Bakhtin, cada palavra se apresenta como uma "arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais." (Bakhtin, 1997, p. 66). E diz mais.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo aquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (Bakhtin, 1997, p. 41).

Na imprensa, a palavra ganha destaque pelo seu valor informativo. A cada nova invenção ou descoberta, ela refaz seu discurso, criando neologismos, introduzindo novos signos, na tentativa de reduzir a margem de ambigüidades e divergências entre o acontecimento ou fenômeno e seu significado. Carregada de intenções, a palavra seduz, constrói um simulacro de realidade, uma verossimilhança, operando-a de tal forma ajustada ao seu conteúdo que não possa permitir a menor instabilidade, mas que acaba provocando sublimações e implícitos desorganizadores. No dizer do jornalista Clóvis Rossi, no jornalismo, a palavra "é uma arma de aparência extremamente inofensiva" (1998, p. 7). Isto porque, ela se torna eco de atitudes, valores e opiniões. Daí a necessidade de escolha da palavra mais adequada para a expressão do acontecimento.

Ao refletir sobre a linguagem e a palavra, Bakhtin, ao invés de encontrar uma definição, prefere delimitar suas fronteiras, e tentar estudá-las com os olhos e as mãos, num esforço de captar a natureza real do objeto. Argumenta ele que "em nosso caso, os olhos e as mãos se encontram numa posição difícil: os olhos nada vêem, as mãos nada podem tocar, é o ouvido que, aparentemente mais bem situado, tem a pretensão de escutar a palavra, de ouvir a linguagem" (p. 69).

Em As Cidades Invisíveis, Ítalo Calvino, cujo relato denso remete a profundas reflexões sobre a palavra e as suas

intenções, escreve:

eu falo, falo - diz Marco -, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários. (...) Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido (Calvino, 1999, p. 123).

Bakhtin critica a sedução que muitos lingüistas têm pelo estudo dos sons da palavra, que chama de "empirismo fonético", e que tem presença forte na lingüística. Diz ele que o estudo da face sonora do signo lingüístico "nela ocupa um lugar proporcionalmente exagerado". Para ele, as dificuldades encontradas nas pesquisas é que esse estudo do som, muitas vezes, é feito sem vínculos com a natureza real da linguagem enquanto código ideológico. "Se isolarmos o som enquanto fenômeno puramente acústico, perderemos a linguagem como objeto específico. O som concerne totalmente à competência dos físicos" (1997, p. 70).

Para o autor, o valor lingüístico de um signo ou de uma palavra não está no seu som ou no seu sinal. "A pura sinalidade não existe, mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem. Até mesmo ali a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de 'sinalidade' e de identificação que lhe é correlata seja real" (p. 94).

Para que a linguagem estabeleça seu objetivo de comunicação, importa muito mais a compreensão da palavra, seu significado e sentido contextual, e menos o seu reconhecimento como sinal ou som. O grande desafio dos lingüistas, em todos os tempos, foi o de decifrar o mistério das letras e das palavras. Diz Isaac Epstein, em sua Teoria da Informação: "A comunicação envolve o significado ou a interpretação das mensagens, que dependerá da dimensão semântica do código ao qual está referido. As mensagens só adquirem sentido quando rebatidas a códigos, e a atualização deste dá-se através de mensagens" (Epstein, 1986, p. 16).

Na mídia, e especialmente no jornalismo, a palavra é conflito, porque ela é traço dominante da notícia. Assim como não existe pensamento sem signos, não existe notícia sem palavras, ainda que se fale através de imagens. Tropeça-se diariamente em palavras de forte tendência conflitiva, como guerra, protesto, vitória, derrota, acusação, revolução, morte, enfim. A palavra é energia impulsionadora do acontecimento social, como produto do jornalismo, e das idiosincrasias que este contém.

### 3 O JORNALISMO E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Por ser mistério e revelação ao mesmo tempo, é que a palavra, colocada no contexto mais amplo da linguagem, serve à comunicação entre os homens. O mundo vivido é o pano de fundo implícito no processo comunicativo. Lingüistas, filósofos e outros cientistas, através de reflexões e estudos sistemáticos, teimam em tentar entender a linguagem, do pretérito ao presente e, por certo, continuarão no futuro. Falar e escrever sobre ela é tarefa significante e significativa. Quanto mais enigmática e reveladora se torna, mais motivação e curiosidade se tem para desafiar sua compreensão, como forma de comunicação.

Mas, quanto mais se estuda, menos se sabe sobre ela. Na sua multiplicidade de facetas, representada historicamente pela Babel, quanto mais alta se constrói para atingir o seu limite - o sentido da vida - mais se esconde e se multiplica em formas, conteúdos, sentidos. As ciências da linguagem fornecem instrumentos que permitem compreender ou, pelo menos, produzir enunciados que a tentem explicar, observando o desempenho e a competência da língua descritos por Chomsky.

Ianni descreve a tentativa de compreensão do mundo e dos homens através da comunicação.

No princípio, todos viviam em comunidade e solidariedade. Estavam tão integrados e organizados, que decidiram construir a Torre de Babel. Queriam desenvolver ainda mais a comunhão e a comunicação, realizando a utopia da transparência, integrando singularidade e universalidade. O céu, ou Deus, era a metáfora da universalidade escondida em cada um e todos. De repente, tudo de confunde, todos se desentendem. Embaralham-se as estações, os dias e noites, o dito e a desdita (Ianni, 1999, p. 21).

Dada a linguagem como um ato social, as ciências da linguagem têm contribuído, em muito, ao longo do tempo, para o seu esclarecimento em todos os seus aspectos. Porém, nenhuma de suas ciências conseguiu, ainda, dar conta de explicá-la toda, em vista das transformações a que ela está sujeita. Assim mesmo, outras e novas possibilidades de reflexão se abrem e outros e novos aspectos da linguagem são revelados.

As ciências da linguagem herdam de diversas áreas do conhecimento, como a literatura, as artes, o cinema, as mídias, a filosofia, as ciências sociais e humanas, contribuições importantes para sua análise, ainda que compreendam, todas elas, paradoxos e contradições.

Em Auroux, encontramos um caminho para melhor interpretar o universo das ciências da linguagem. Diz ele que, atualmente o termo lingüística ou a expressão ciências da linguagem "servem para designar globalmente as disciplinas (semântica, fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semiótica/semiologia, análise do discurso, etc.) que abordam um aspecto qualquer da linguagem natural nessa perspectiva" (1998, p. 13). Para ele, contudo, a essas disciplinas precisam ser somadas abordagens interdisciplinares, como a psicolingüística, a sociolingüística e as patologias lingüísticas. E diz, ainda, que só há ciência da linguagem quando há um saber metalingüístico, ou seja, quando se dispõe de uma linguagem para representar uma outra linguagem.

Para que haja ciências da linguagem, é preciso que a linguagem seja colocada em posição de objeto. É preciso que ela esteja lá, diante de nós, manifestação de si mesma e não de outra coisa, contrariamente ao que se passa em seu uso cotidiano (Auroux, 1998, p. 77).

O próprio Saussure, que formulou a teoria do estruturalismo das línguas e da gramática, admitiu que a lingüística, constituída, segundo ele, por todas as manifestações da linguagem humana, tem relações bastantes estreitas com outras ciências, que, ao mesmo tempo em que lhe tomam emprestados, fornecem-lhe dados. Diz ele sobre a linguagem: "os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente". Para Saussure (p. 14), a lingüística interessa a todos que tenham de manejar textos, porém, sua importância é evidente para a cultura geral: "na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro".

Para se chegar à língua como condição de ciência e esta, por sua vez, à transmissão de cultura, a linguagem também se utiliza de outras ciências, como a física, a sociologia, a antropologia, entre outras. Por essa razão, as ciências da linguagem, ao mesmo tempo em que influem sobre outras ciências, delas se beneficiam.

A linguagem não somente transmite cultura, mas também pertence a ela, como condição de existência. Isto porque passa de geração em geração, não simplesmente por herança biológica, e sim como instrumento criado e desenvolvido pelo próprio homem para fixar-se como ser histórico. Ele e somente ele é capaz de criar formas simbólicas e, portanto, culturais.

A tendência é que homem se enriqueça lingüisticamente com o passar do tempo. E à comunicação é dada a tarefa de não deixá-lo empobrecer do ponto de vista da expressão. Decisiva no mundo dos sentimentos e emoções, a linguagem adquire a influência necessária para levar o homem à ação, sem a qual o mundo da comunicação não teria sentido.

Daí, a grande importância das ciências da linguagem no jornalismo, que a abraça e as reproduz, mantendo-as em estreitas relações, porque ele não é simplesmente um levantador de informações, mas é, sobretudo, um interpretador do mundo e, como tal, tem uma enorme responsabilidade na construção da realidade. As informações transmitidas pela imprensa tornam-se a própria realidade de uma região ou de um país.

A amplitude da aplicação da palavra na interpretação do mundo, através da semiótica, que se pretende a ciência das ciências, vai fazer a diferença na difusão das experiências sociais e dar sentido à complexidade do mundo. Diz Nilson Lage (1998, p. 44) que a língua é lugar rico de informações sobre a maneira nacional de agir, tornando "compreensível o ininteligível". E acrescenta:

a crítica do discurso, em busca de expressão mais límpida, precisa considerar mecanismos como o da construção do mito retórico: o deslocamento de um signo lingüístico para significar outra coisa, de modo que se impõe duplicidade de entendimentos e se mantém viva a regra social, inocentando suas violações, por mais habituais que sejam (1998, p. 44).

O mundo do jornalismo é um complexo de semioses, explicado pela semiótica em sua relação com a linguagem. Em outras palavras, utiliza um signo para explicar outro e assim sucessivamente. Lage afirma ainda:

manchetes, títulos, textos, legenda representam o componente digital da comunicação jornalística. Como é próprio das línguas naturais, a sintaxe lógica é rica e complexa, o que faz do sistema lingüístico o mais adequado à comunicação de conceitos (1998, p. 7).

A capacidade de organizar e formular idéias através da palavra, no jornalismo, só é possível pelo conhecimento da linguagem e de suas possibilidades. Muito mais que empregar a gramática, o escrever jornalístico requer o encadeamento de idéias, que dão sentido às coisas e à criação de novos significados, na dinâmica da linguagem. O conhecimento elementar das ciências da linguagem, que modernamente fazem parte da ciência semiótica, é fundamental na construção da enunciação jornalística. Ela, a semiótica, ciência que explica o funcionamento dos signos em suas categorias de ícone, índice e símbolo, tem relação intrínseca com o jornalismo, porque este constrói versões de mundo através deles. Foi Morris, em Fundamentos da teoria dos signos, quem se debruçou sobre a semiótica, cujas raízes estão em Peirce, e explicou o seu emprego nas ciências da linguagem. Deu a ela três subdivisões: a dimensão sintática, que implica outros signos e suas construções de enunciados gramaticalmente perfeitos; a dimensão semântica, que designa objetos e ocupa-se dos significados dos signos em geral; e a dimensão pragmática, que expressa mensagens entre os usuários das línguas.

Por meio dessas dimensões da linguagem, o jornalismo opera a leitura do mundo, produzindo sentidos, unificando contradições, desambiguando significados, no sentido de estabilizar o que é disperso e instável na informação. Ampara-se na linguagem, para expressar o pensamento social através do conjunto de ferramentas discursivas e técnicas, designando as versões do acontecimento real.

O processo de interpretação, pelo qual as pessoas e os grupos adquirem memória, sentimentos e atitudes, é feito através da linguagem. O jornalismo atua no intercâmbio de experiências e histórias, e, por essa razão, não se deve menosprezar o papel das ciências da linguagem na perpetuação das fronteiras culturais. É tarefa do jornalismo dispor as idéias em uma linguagem local compreensível e promover a motivação e a cooperação entre as pessoas. Como instrumento para contribuir com a fixação da língua, exerce influência decisiva e definitiva na integração lingüística para a preservação da cultura local e regional.

O saber jornalístico, como saber lingüístico por essência e por conceito, tem, nas ciências da linguagem, um campo aberto para transmitir cultura. É a partir delas que o jornalismo melhor recolherá os fragmentos da realidade, para pesá-los na balança de muitas medidas da ideologia das instituições sociais, e informar aqueles, que no seu conjunto, revelarão, a quem olhar, uma imagem do mundo refeita que a história guardará. No jogo discursivo, o jornalismo lida com a palavra e seu incomparável poder de argumentação. As regras de linguagem e o conhecimento da retórica permitem a manipulação. Discernir isso, só conhecendo a linguagem em sua plenitude. Se não, o jornalismo será, sempre, um simples reproduzidor do pensamento do poder.

## BIBLIOGRAFIA

1. AUROUX, Silvain. A filosofia da linguagem. Campinas, SP : Unicamp, 1998.
2. BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 8. ed. São Paulo : Hucitec, 1997.
3. BELTRÃO, Luiz. Iniciação à filosofia do jornalismo. São Paulo : Edusp, 1992.
4. CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo : Companhia das Letras, 1999.
5. CORSERIU, Eugenio. Lições de lingüística geral. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
6. DUCROT, Oswald. Estruturalismo e lingüística. 2. ed. São Paulo : Cultrix, 1968.
7. EISENSTEIN, Elizabeth L. A revolução da cultura impressa - os primórdios da Europa Moderna. São Paulo : Ática, 1998.
8. EPSTEIN, Isaac. Teoria da informação. São Paulo : Ática, 1986.
9. HAYAKAWA, S. I. A linguagem no pensamento e na ação. 2. ed. São Paulo : Pioneira, 1972.
10. IANNI, Octávio. Língua e sociedade. In: André Valente (organizador). Aulas de Português. Petrópolis : Vozes, 1999.
11. LAGE, Nilson. Linguagem jornalística. 6. ed. São Paulo : Ática, 1998.
12. LYONS, John. Linguagem e lingüística: uma introdução. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1987.
13. MIRANDA, Pontes de. O problema fundamental do conhecimento. Campinas, SP : Bookseller, 1999.
14. MORRIS, Charles W. Fundamentos da teoria dos signos. São Paulo : Editora Universidade de São Paulo, 1976.
15. MOUILLAUD, Maurice. A informação ou a parte da sombra. In: Sérgio Dayrell Porto (organizador). O jornal - da forma ao sentido. Brasília : Paralelo 15, 1997.
16. ROSSI, Clóvis. O que é jornalismo. 10. ed.2. reimp. São Paulo : Brasiliense, 1998.

17. SAUSSURE, Ferdinand. Curso de lingüística geral. 11. ed. São Paulo : Cultrix, s. d.
18. SCLIAR CABRAL, Leonor. Introdução à lingüística. 5. ed. Porto Alegre : Globo, 1982.
19. STRINATI, Dominic. Cultura popular. São Paulo : Hedra, 1999.

topo 



---

Copyright PPGCL/Unisul 2006 © (48) 3621-3369 - Desenvolvimento: Prof. Dr. Fábio José Rauem